

O PESQUISADOR PSICANALÍTICO NA SOCIOEDUCAÇÃO

Que Ética Sustenta esta Escuta?

Autora: Stéphanie Strzykalski (Psicologia/UFRGS)

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Rose Gurski (Psicologia/UFRGS)

INTRODUÇÃO

O presente estudo partiu de uma **experiência de pesquisa-extensão com jovens em conflito com a lei em Internação Provisória** – essa caracteriza-se enquanto uma espécie de porta de entrada da Instituição Socioeducativa, acolhendo os adolescentes suspeitos de terem cometido algum ato infracional que, por alguma razão judicial, não puderam aguardar às audiências do seu processo em liberdade. O trabalho proposto, denominado **Oficinas de R.A.P** (Ritmos, Adolescência e Poesia), fundamentou-se no **oferecimento de um espaço de escuta e livre circulação da palavra**. Durante estes momentos, era propiciado também o encontro entre os jovens e as **músicas de RAP** – materialidade compreendida enquanto um potente catalisador de questões.

PROBLEMATIZAÇÕES: que ética sustenta a escuta do pesquisador em Psicanálise na Socioeducação?

Seguidamente, a partir desta experiência com os adolescentes em contextos socioeducativos, encontramos-nos frente a **sujeitos com narrativas de vida bastante áridas e com significações de si cristalizadas**, nas quais predominam o relato de atos de violência extrema. Por vezes, os jovens escutados chegaram a enunciar que seguir na chamada **“vida do crime”** tem apenas dois desfechos imagináveis: **“a prisão ou a morte”**. Outro dualismo bastante frequente, intimamente relacionado à lógica do tráfico de drogas, é aquele que se refere ao **“matar ou morrer”**.

Mesmo assim, osicineiros perceberam, não sem um estranhamento inicial, que alguns dos jovens manifestavam vontade de retomar as atividades que os levaram à restrição de liberdade tão logo saíssem da Instituição. Diante desse panorama, questionamo-nos: **que ética norteia nossa escuta na pesquisa em Psicanálise no contexto da Socioeducação? Qual é a aposta ao continuarmos oferecendo um espaço de escuta a estes sujeitos que nos relatam não ter interesse e/ou possibilidade de sair da dita “vida do crime”?**

OBJETIVOS

- Retomar brevemente algumas discussões sobre a questão da **Ética desde um certo recorte da Filosofia aristotélica** a fim de tensionar essas com as contribuições de Freud e Lacan sobre uma **Ética própria à Psicanálise**;
- Refletir sobre as **reverberações dessa discussão teórica** em conjugação com alguns **fragmentos dos diários de experiência**, feitos pelos bolsistas que participaram das *Oficinas de R.A.P.*, para sustentar possíveis **contribuições ao campo da pesquisa-intervenção com adolescentes**, especialmente em contextos de Socioeducação, vulnerabilidade e violência;

NOTAS METODOLÓGICAS

Formam o *Corpus* da Pesquisa:

- Os **diários de experiência** dos bolsistas de extensão que participaram da *Oficina de R.A.P.*;
- As **construções feitas a partir da leitura-escuta** (Caon, 1994; Iribarry, 2003) de textos teóricos;
- As **elaborações surgidas nas reuniões do grupo** de pesquisa a partir da discussão dos textos teóricos em conjugação com os materiais empíricos;

Sobre os Fundamentos que Sustentam a Experiência do Pesquisador no Campo:

- Da Psicanálise, tomamos de seu método a noção de **atenção flutuante** (Freud, 1912) e o conceito relacionado ao tempo do **a posteriori** (Freud, 1895);
- De Walter Benjamin, recolhemos os efeitos ético-metodológicos relacionados ao **tema da Experiência** (Benjamin, 1994);

DA ÉTICA DO BEM-VIVER À ÉTICA DO BEM-DIZER: tensionamentos entre Filosofia e Psicanálise

Lacan (1959-60) dedicou um de seus seminários inteiramente à discussão da ética psicanalítica, caracterizando-a como uma das contribuições mais inovadoras e originais da teoria freudiana. Desta obra, destacamos o **recorte que abarca alguns tensionamentos entre a ética aristotélica e a ética freudiana**.

O filósofo Aristóteles (Martins; Darriba, 2011) partiu da noção de que o que diferencia o homem dos outros seres é a possibilidade de agir racionalmente, sendo justamente a excelência desta atividade o que lhe garantiria ascender em sua finalidade última, o Bem Supremo para qual todas as coisas naturalmente tendem:

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um Lírico no Auge do Capitalismo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas III).

CAON, José Luis. O Pesquisador em Psicanálise e a Situação Psicanalítica de Pesquisa. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, UFRGS, v. 7, n. 2, p. 145-174, 1994.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma Psicologia Científica. In: FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas Completas, p. 381-456. Rio de Janeiro: Imago, 1969 [1895]. (Edição Standard Brasileira I).

FREUD, Sigmund. Recomendações ao Médico que Pratica a Psicanálise. In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, v. 10, p. 147-162. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1912].

IRIBARRY, Isaac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica? Revista Ágora, Rio de Janeiro, UFRJ, v. 6, n. 1, p. 115-138, 2003.

a felicidade. Já para Freud, a ética psicanalítica estaria situada precisamente no avesso da experiência aristotélica – o sujeito partiria de uma realidade inconsciente e não racional que governaria suas relações no/com o mundo.

De acordo com o sistema de pensamento aristotélico, a felicidade é um Bem universal e alcançável por via de ações concretas e práticas. Segundo Lacan (1959-60, p. 23), esta problemática é radicalmente diferente em Freud, uma vez que a felicidade é da ordem do impossível, dimensão em que “não há absolutamente nada preparado, nem no macrossomo nem no microssomo”. É neste ponto em que uma falta se apresenta, um vazio polarizado por aquilo que Freud designou de *das Ding*, dimensão fundante do Desejo imperioso (*Wunsch*) que reivindica para si a todo momento a satisfação experimentada pelo objeto primordial para sempre perdido.

Lacan (1973) ainda formula que, **se há um Bem que rege a ética – e indissociavelmente a prática – da Psicanálise este é o “Bem-dizer”,** um claro contraponto ao “Bem-viver” de Aristóteles. O Bem-dizer reforça a ideia de que, quando se põe em jogo a fala e sua função simbólica, as palavras são capazes de dar borda ao impossível estrutural de *das Ding*.

DA IMPOTÊNCIA À IMPOSSIBILIDADE: deslizamentos da posição de escuta do pesquisador

Se a posição ética que sustenta a prática doicineiro/pesquisador em Psicanálise refere-se ao Bem-dizer e não ao Bem-viver, pretendemos sublinhar que **não se trata então de esperar que os adolescentes dos contextos socioeducativos sejam “restaurados” ou “salvos”**. A partir desta perspectiva, apostamos que seja possível operar um importante **deslocamento na posição de escuta do pesquisador, indo da impotência à impossibilidade** frente a discursos que parecem ser perpassados fortemente por uma lógica de sentidos fixos e dualismos empobrecedores.

Compreendemos a referida impotência enquanto uma posição estéril da escuta que se guia por um modelo moralmente idealizado, baseado na existência *a priori* de uma resposta universal de como se orientar na vida e que, exatamente por isso, acaba por tamponar as brechas necessárias para que o sujeito do desejo advenha, produzindo, assim, movimentos em posições cristalizadas. Na contramão desse, temos a **Ética do Bem-dizer e sua proposta de respaldar-se justamente nesta dimensão singular do Desejo, permitindo-nos a possibilidade de escutar alguma potência em meio ao impossível do que é a dimensão daquilo que se apresenta como um “sem saída” do sofrimento do outro**.

Dito de outra maneira, ocupamo-nos em escutar o sujeito sem perder de vista o seu atravessamento – e o nosso enquanto pesquisadores em Psicanálise! – com a dimensão da castração e da falta. Se na impotência a falta assume função paralisante, na posição da impossibilidade ela passa a ser compreendida enquanto espaço necessário para que seja possível ao adolescente operar movimentações e deslizamentos significantes, criando em seu discurso outros e novos sentidos a partir de suas escolhas e possibilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: contribuições ao campo da escuta em contextos socioeducativos

Apostamos que uma contribuição possível de ser recolhida desde o trabalho do pesquisador em Psicanálise na Socioeducação refere-se ao fato dele propiciar aos adolescentes um espaço de articulação da fala, orientado pelo Bem-dizer, em que seja possível a eles **nomearem minimamente suas angústias, conflitos e (im)possibilidades**.

Frisamos aqui que o **discurso “bem-dito” não é aquele eloquente ou de aspiração moral-pedagógica**, mas, sim, aquele que, diante de tropeços, controvérsias e questionamentos, traz à tona a dimensão própria do sujeito (do inconsciente).

A partir da oferta da palavra nas *Oficinas de R.A.P.*, pensamos que a lógica dos dualismos – tal qual **“prisão ou morte”** e **“matar ou morrer”** – pôde ser, mesmo que de maneira muito sutil, questionada e discutida pelos jovens.

Do ponto de vista benjaminiano (1994), é neste momento de compartilhamento e transmissão que as **vivências** isoladas dos adolescentes poderão fazer laço com o coletivo e, dessa forma, constituir aquilo que é do âmbito de um saber da **experiência**. Desde a perspectiva da escuta psicanalítica, também apostamos que as significações rígidas, ao serem enunciadas no discurso e não no ato, tem a potência de ceder lugar à polissemia como um modo transformador do psiquismo.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991 [1959-1960].

LACAN, Jacques. Televisão. In: LACAN, Jacques. Outros Escritos, p. 508-543. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 [1973].

MARTINS, Luiz Paulo; DARRIBA, Vinicius. Do bem supremo à ética do desejo: contribuições da psicanálise à discussão ética. Princípios: Revista de Filosofia, UFRN, v. 18, n. 29, p. 203-229, 2011.

